

SERMAO,  
QUE EM LOUVOR  
DE  
S. FRANCISCO  
DE ASSIZ,  
Patriarca dos Menores,

RECITOU  
No Real Convento de nossa Senhora, e Santo  
Antonio junto a Mafra,

ESTANDO PREZENTES  
SUAS Magestades,  
E  
ALTEZAS,

Fr. SEBASTIAO DE SANTO ANTONIO,  
*Da Provincia de Santa Maria da Arrabida.*

Segunda vez dado á luz por Bento de Souza Campelo.



LISBOA.  
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,  
Impressor do Eminent. Senhor Card. Patriarc.

---

M. DCC. LVI.  
*Com as licenças necessarias.*



S. FRANCISCO  
DE ASSIS,  
PAROQUIA DOS ANJOS

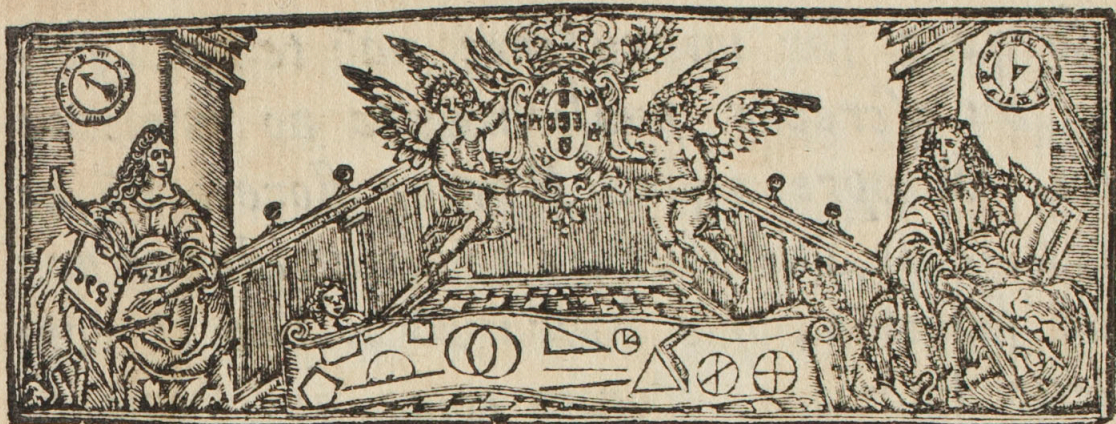
ESTADO PRESENTE  
SUAS MAGESTADES  
ALTRIAS

FRANCISCO DE SAO ANTONIO  
Do Provedor de Justiça da Câmara  
Segunda vez dado a luz por ordem de Sua Magestade

LISBOA  
No Officio de MIGUEL RODRIGUES  
Impressor do Real Archivo e do Real Conselho

M. DCC. LVI  
Com a licença de Sua Magestade

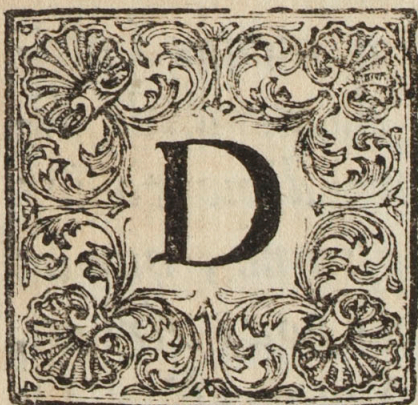




AO REY FIDELISSIMO NOSSO SENHOR

<sup>1</sup>  
D. JOZÉ I.

SENHOR.



EPOLIS que V. Magestade  
empunhou o Cetro, está Portugal tão diffe-  
rente do que antes era, em materia de letras,

\* ii

que



que só quem fôr imprudente não temerá falar, ou escrever publicamente no presente seculo. Sempre nestes Reynos floreceraõ as Artes, e as Sciencias, e todas as idades nos deraõ sujeitos, que honraraõ a patria com os seus Escritos. Porém como antigamente senão usava entre os nossos do criterio, nem estava universalmente introduzido o bom gosto da eloquencia; ainda que alguns conhecessem os erros, nem se advertiaõ, nem se emendavaõ. Todos fallavaõ livremente, todos escreviaõ com segurança; a huns defendia o respeito, a outros o costume. Hoje porém estão neste Paiz taõ apuradas as bellas letras, que he difficullosa empreza agradar aos Sabios. A ninguem patrocina já o abuso: já a razão natural não attende respeitos: os merecimentos dos que escrevem pezaõ-se fielmente na balança do juizo; e reprehendem-se com severa critica até os descuidos dos Escritores mais inculpaveis, sem perdoar-lhes a menor inadvertencia; porque já o amor da verdade livrou de toda a escravidão o entendimento dos Portuguezes. Este louvavel costume, que he o meyo unico de se adiantarem as boas Artes, teve principio no Reynado do Senhor Rey D. João V. de saudosa memoria; e no de V. Magestade se admira continuado taõ felizmente,



mente, que nos dá esperanças de conseguirmos antes de muito tempo o fim utilissimo a que se ordena; para que até nesta parte tenha V. Magestade a singular gloria de pôr a ultima perfeição ás obras grandes, que principiaraõ, e não puderaõ acabar os outros Monarchas. Esta he verdadeiramente para Portugal a idade de ouro; pois V. Magestade, como Rey Sabio, e Catholico nos governa com huma politica taõ Christã, e superior ás maximas, de que usa o mundo, que mettendo debaixo dos pés as palmas, e os louros com que a vaidade, e ambição costumãõ tentar as Coroas, nos concede tanto descanso, que temos tempo, não só para aprender o que souberaõ os nossos antepassados, mas tambem para adiantar os nossos estudos. Estas circumstancias, que são nobremente gloriosas para o Reynado de V. Magestade, me encherãõ sempre de terror, quando me vi obrigado a fallar em publico, ainda diante de pessoas particulares, e me atavaõ as mãos para escrever Obra alguma, que chegasse ao prélo. Mas nunca experimentei mayores temores, que quando me considerei precizado a orar na presença de hum Soberano, que he respeitavel, não só pela Magestade, mas tambem pela sciencia; e os comecei a experi-

men-



mentar de novo , quando soube , que não podia occultar este papel , como desejava. Porém , Senhor , como então fallei publicamente diante de V. Magestade , porque assim o determinaraõ os meus Prelados , e agora entrego ao publico o mesmo que então disse , porque V. Magestade assim o ordena ; a minha obediencia , e a Real protecção me seguraõ inteiramente o credito ; e só me fica para offerecer a V. Magestade o respeito , e o temor , com que fallei a primeira vez , e agora escrevo. Neste excesso de benignidade , com que V. Magestade me honra , conhecerá de huma vez o mundo o quanto V. Magestade ama os filhos da Provincia da Arrabida , e o muito que deseja , para bem da patria , e credito da Religião Serafica , o adiantamento das letras , a que se applicaõ , e de que V. Magestade tem o mayor zelo ; pois não dezattendendo aos humildes pensamentos de hum pequeno alumno destes seus Reaes Estudos , claramente se manifesta , que fará especial estimação das nobilissimas idéas , que tributarem a V. Magestade os mais crescidos nas sciencias , como fructos dos seus trabalhos ; e demonstraçoens ds seu agradecimento. Se o desvêlo com que V. Magestade cuida em o nosso augmento , produzir em mim algum  
efeito



*efeito digno de tão nobre principio, todo o  
restante da vida empregarei em recommendar  
à posteridade as heroicas virtudes, de que se  
exorna a Real Pessoa de V. Magestade, as  
quaes não retrato agora; porque ainda não  
sey formar imagens tão perfectas. Deos guar-  
de a V. Magestade por seculos, para que Por-  
tugal cause inveja ao mundo todo.*

**Fr. Sebastião de Santo Antonio.**

*Disci-*

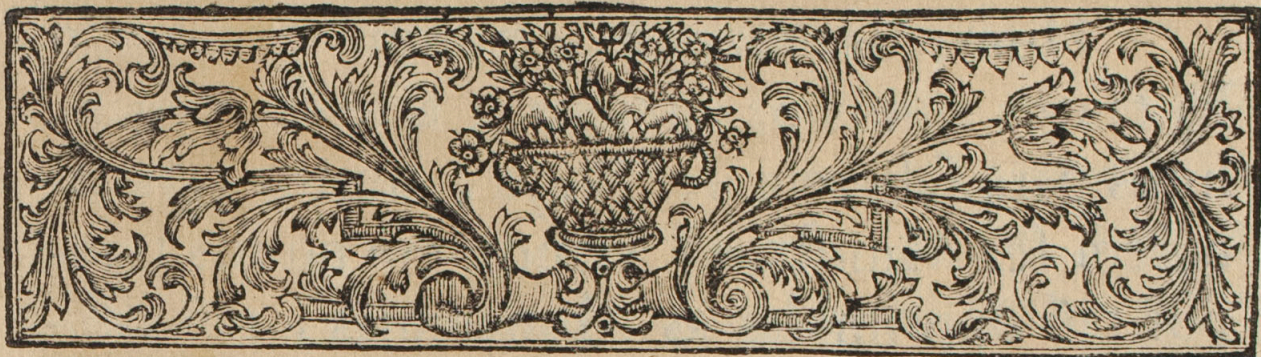


este livro de todos os Reis, e  
aqui se acha a verdadeira  
e perfeita historia de Portugal, e  
a Real Pessoa de V. Magestade, e  
aqui se trata de todas as  
coisas que se fizeram, e  
se fazem, e se farão, para  
a V. Magestade, e para o  
Reino, e para todos.

Tr. Sebastião de Santo Antonio

Disco





*Discite à me , quia mitis sum , & hu-  
milis corde.*

Matth. XI.



A Õ são os coraçoens soberbos ,  
e cheyos de vaidade os espelhos ,  
a que devem verse os Soberanos.  
( Muito Altos , e muito Poderos-  
fos Reys , e Senhores nossos )  
Naõ são os coraçoens soberbos , e cheyos de  
vaidade os espelhos , a que devem verse os  
Soberanos. De hum coração pacifico , hu-  
milde , e ornado de virtudes , he que devem  
aprender os Principes. Governe-se muito  
embora hum Monarcha , e hum Imperio sem  
Fé , e sem Religiaõ , pelo exemplo , e po-  
litica dos Alexandres , e dos Cefares ; que  
hum Rey Christaõ , e huma Monarchia Ca-  
tholica deve sómente governarse pelo exem-  
plo de Christo , e peias maximas do seu  
Evangelho.



Huma das razoes, porque estudando ha tantos annos os homens a arte de reynar, huns para saberem fer Reys, outros para saberem fer Ministros, vemos em nossos tempos taõ opprimidas as Monarchias, taõ afflictos os Povos, taõ vacillantes as Coroas, taõ attenuados os Imperios, he porque a mayor parte dos homens ignora as maximas da verdadeira politica. Julgaõ que o Evangelho foy unicamente escrito para conseguir a felicidade eterna: persuadem se, que a temporal depende de outros principios: querem, que a virtude tenha sómente exercicio nos Claustros: assentaõ comsigo, que a vangloria he o caracter da Magestade; que o interesse he o caminho da fortuna; que a liberdade he o attributo da grandeza; que no estrondo das armas consiste o augmento dos Imperios.

Naõ senhores, naõ disse bem, nem dissonria Catholicamente quem escreveo que a honra he o principio, a que devem dizer respeito as leys de huma Monarchia. A virtude he a que faz os Reys grandes, he a que conserva, e dilata os Reynos. Perguntem a Santo Agostinho, porque chegaraõ os Romanos a fer senhores do mundo todo? E respon-



ponderá, que as virtudes moraes, que exercitavaõ, os sublimaraõ a tanta grandeza. Naõ foy effeito das prudentes resoluçoens do seu Senado, nem da politica de seus Imperadores, nem do poder das suas armas. Foy a Providencia Divina, que liberalmente quiz premiallos. Por isso, tanto que entre elles se foraõ corrompendo os costumes, foy sendo menos temido, e respeitado o seu nome, e chegou a ser cadaver da Magestade a mesma, que dava leys a todas as gentes. Isto mesmo se admirou muitos seculos antes no reynado de Salomaõ. Em quanto este Principe conservou a simplicidade de coração, que Deos lhe recommendára, foy elle o Soberano mais feliz, e o seu Reyno o mais ditoso. Tanto porém que se encheo de vaidade o seu espirito, tanto que se prevaricou a virtude no seu Imperio, logo o mesmo Deos lhe vaticinou a decadencia, logo o ameaçou que havia de partir-se o Cetro de Israel.

Eis-aqui o modo admiravel, com que os Imperios dependem mais da virtude, que da politica mundana; e este tambem o motivo, porque julguei, que o coração de Francisco, por isso mesmo que he pacifico, humilde, e cheyo de virtudes, como o de Christo, era



digno de servir hoje de espelho ao mayor Monarcha. Bem conheço, que as suas acções, como de homem particular, não devem propor-se a hum Principe, porque nem tudo o que he virtude se compadece com a Magestade; porém como Francisco não sómente foy Santo, mas tambem Patriarca, como não sómente se governou a si, mas tambem deo leys ao mundo todo: será unicamente o meu systema referir as suas acções, como de homem publico, e Patriarca de minha Religião Serafica; por serem estas as que mais se accommodaõ á nobreza do meu auditorio, e as que merecem ser imitadas pelos mayores Soberanos. Principiemos.

Hum dos seculos, em que o mundo se vio mais perturbado, foy o duodecimo da nossa redempção, em que floreceo Francisco. São inexplicaveis as desordens, que por toda a parte eraõ escandalo da razaõ, da fé, da piedade. A doutrina Evangelica se lamentava ferida nos dogmas pela impiedade dos Vvaldenses, dos Humiliatos, dos Albigenes, dos Almericanos. A Religião se admirava profanada no respeito, pela desobediencia e desprezo dos Fredericos, dos Henriques, dos Othoens, dos Mahometanos. A

Barca



Barca de S. Pedro naufragava fluctuante na perfida ambição de quatro Anti-Papas, que pretendiaõ destruir o mysterio da unidade Christã. A disciplina Catholica se achava perturbada na observancia pelas tyrannias, traçoens, sacrilegios, homicidios, em que ardia todo o Oriente. Em fim, metidas debaixo dos pés todas as leys, despedaçados todos os freyos da razaõ, da ordem, da honestidade, em taõ confuso, e horroroso aspecto se achavaõ os Divinos, e humanos interesses, que parecia terem perdido os homens a vergonha de si mesmos, o temor dos outros homens, e a lembrança de Deos.

Olhou Francisco para estas calamidades, ouviu a voz de Deos, que o chamava para reparar tantas ruinas, e logo intentou fundar huma Religiaõ, que comprehendesse a todos os estados, e pudesse servir de refórma a todas as gentes. Mas em que labyrintho se naõ vio Francisco neste caso! Que contradicoens naõ teve este seu proposito! Tentava-o a carre, representando-lhe na sua, e alheya experiencia, a doçura, e socego da vida particular; a inquietação, e trabalho de huma vida publica. Tentava-o o espirito, representando-lhe no espelho da propria humildade o grande



de talento, que he preciso para governar aos homens; a prudencia, que he necessaria para soffrellos: a difficuldade, que se experimenta em dobrarlhes as vontades; e o quanto custa reduzillos a hum modo de vida conforme á razãõ, e á piedade. Tentava-o finalmente o demonio com a sua mesma virtude, pondolhe diante dos olhos os perigos, a que se expõem a santidade, quando sahe ao mundo: o quanto he terrivel ter que dar conta a Deos o homem, não só de si, mas tambem dos outros; e o desvanecimento, que lhe podia causar verse Patriarca de tantos filhos, obedecido de tantos subditos, estimado dos Principes, e venerado dos Povos.

Porém o inclyto Heróe, com magnanimo coração, sem olhar mais que para a vontade de Deos, e para o bem do proximo, resistio a todo este exercito de pensamentos, desprezou toda esta multidaõ de idéas, e ficou immovel na sua resolução. Sabia, com sciencia superior á dos homens, que aquelles, que Deos escolhe para governarem aos outros, devem renunciar todo o descanso; que o mesmo Deos illustra os entendimentos, conforme o fim para que os ordena, que as felicidades dos governos são mais favores do  
Ceo,



Ceo, que industria dos homens; que as dignidades não dão nova fôrma ao barro de que fomos formados; que os respeitos não façam outra cousa mais, que hum pouco de fumo, que nos cerca, e algumas vezes nos suffoca; que as estimaçoens do mundo só podem agradar, e desvanecer, a quem não espera outro premio. E como tudo isto sabia, julgou a sua generosidade, que fazia pouco em desprezar todas aquellas tentaçõens. Não se desculpou, como Moysés; mas obedecendo sem repugnancia, como Abraham revestio-se do seu caracter, e principiou a cuidar nas leys, que havia de estabelecer aos seus filhos.

Mas como procederia Francisco nesta occasião? Faria grande estudo nas leys Canonicas, e Civiz, para tirar de humas, e outras as que mais se accõmodavaõ ao seu fim? Leria os estatutos das outras Religioens, para escolher o melhor, que os mais Patriarcas deixaraõ escrito? Consultaria as Universidades mais celebres de Europa, para se regular pelo parecer prudente dos Sabios? Procuraria Religiosos antigos, e experimentados, para se aproveitar do seu conselho? Não senhores, nada disto fez Francisco. Pegou



gou no sagrado Evangelho, e assim mesmo como o dictou o Espirito Santo, assim mesmo como o escreveraõ os Evangelistas, o entregou aos seus filhos, dizendo-lhes estas palavras: *Eis-aqui a vossa vida: Eis-aqui a vossa regra.*

E que melhor Ordenaçãõ póde haver do que esta para hum governo Catholico? Que falta naquelle Livro para constituir feliz hum Imperio? Alli se acha recommendado o respeito, que os vassallos devem ter aos Soberanos: o amor, que os Reys devem ter aos subditos, que são os fundamentos de huma Monarchia. Alli se manda observar com rigoroso preceito a uniaõ, e concordia, que devemos ter huns com os outros, que he o que nos faz viver como membros de hum só corpo. Alli se prohibe a soberba, em os Grandes taõ insupportavel aos Povos, e nos de baixo nascimento taõ perniciosa á Republica. Alli se prohibe a ociosidade, que he causa de não florescerem nas artes, nas sciencias, e nos commercios as Coroas. Alli se ensina a perder o affecto desordenado aos parentes, e ao proprio domicilio, que tanto mal faz hoje aos nossos: a desprezar os perigos, a não fugir aos trabalhos, sem o que se não podem emprender acçoens



çoens heroicas. Naquelle Livro se aprendem a Magnanimidade, a Fortaleza, a Constancia, a Paciencia, a Misericordia, a Justiça, e todas as mais virtudes, que são os esmaltes da verdadeira grandeza, e os lustres mais gloriosos de hum Imperio.

Nas outras leys finalmente podem enganar-se os homens, podem mudar-se os tempos, podem variar-se as circumstancias; que por isso necessitam de tantas interpretaçoens, e commentos, que fazem, com prejuizo grave dos Povos, eternos os pleitos, e muitas vezes atam as mãos á justiça. No Evangelho porém não póde haver engano, porque foy dictado pela Summa Verdade: he ley para todos os tempos, porque he eterna: não está sujeita a novas circumstancias, porque todas foram previstas pelo seu Author. E como Francisco era tão grande politico, esta, e não outra, foy a regra, que deo aos seus filhos; porque achou, que não havia outra melhor, nem era precisa outra. O que fez demais foy sómente reduzir todo o Evangelho a principios generalissimos, a maximas certas, para que melhor se observasse.

As leys devem ser claras, e percepti-  
veis; porque com a maior do povo  
he



he rude , e de fraca memoria ; he necessario propor-lhas por modo , que as comprehendão para saberem observá-las. Bem sey que os costumes patrios mais se aprendem pela tradiçaõ , que pelo estudo ; mas como a tradiçaõ não ensina tudo de huma vez , he preciso que a memoria supra o defeito dos annos ; não he justo que as leys pela sua confuzaõ fiquem sendo hum mysterio occulto para a plebe. Por isso Deos reduzio toda a sua Ley a dous mandamentos , e Francisco todo o Evangelho de Christo a tres votos , de Pobreza , Obediencia , e Castidade , que professamos. Estas são as virtudes , a que diz respeito toda a perfeiçaõ evangelica , e estas tambem as maximas fundamentaes da melhor , e mais verdadeira politica. Sem obediencia não póde haver Principes , porque a rebelliaõ insulta os Thronos. Sem o desprezo das riquezas não póde haver inteireza nos Ministros , porque a cobiça corrompe os animos. Sem continencia não póde haver acerto nos conselhos , porque a luxuria cega os entendimentos. Que catastrofes não tem causado na Corte Othomana a desobediencia ? Que prejuizos não tem feito ás Republicas a ambiçaõ ? e nales não produ-



zio em o Norte a incontinencia? Não receava Francisco na sua Religião estes successos; mas como queria reformar segunda vez o mundo, a todos dava exemplos na instituição da sua regra: escrevia esta para os seus filhos, e com ella ensinava a todas as gentes; por isso, adiantando-se cada vez mais na arte de governar, pôs em execução hum arbitrio o mais admiravel,

Vio com o espirito profetico, de que era dotado, que á sua Religião haviaõ de concorrer gentes de todos os estados, e que fez? Dividio a sua Monarchia em tres Ordens, e accommodou a cada huma as suas leys: aos da primeira com mayor aperto, aos da segunda com menos rigor, aos da terceira com mais suavidade. A todos o mesmo Evangelho na substancia, mas proposto por tal modo, que todos suavemente com a graça pudessem observá-lo. Quem jámais usou de politica tão fina! O certo he, que Francisco mais parece homem de Corte, que mestre de espirito. Porque em algumas Monarchias se não distinguem os estados, e se não accommodaõ as leys á condicão, ao genio, á capacidade dos subditos, por isso se confundem, e se não observão: e de

10  
11

Fran-



Francisco o executar , como disse , se lhe seguio huma observancia não só perfeita , mas prodigiosa.

Dilatem os olhos pelo portentozo mappa do Orbe Serafico , e acharão huma prova sensivel desta verdade. Alli veráõ retratados em primorosas laminas , os Xerges , os Joãos , os Robertos , os Sanchos , os Jacobos , os Fernandos , os Filippes , os Guilhermes , os Carlos , os Berengarios , os Nicoláos , os Luizes , os Affonsos , os Henriques , os Boaventuras , os Guidos , os Andulfos , e outros muitos Imperadores , Reys , e Principes , de todos os Imperios , Monarchias , e Estados do mundo , com as Coroas lançadas aos pés , trocadas as purpuras em mortalhas , os Cetros em diciplinas , as Magestades em abatimentos. Alli veráõ escritas as vidas das Isabeis , das Joannas , das Leonores , das Viridianas , das Claras , das Coletas , das Angelas , das Delfinas , e de outras innumeraveis Matronas , ás quaes nem o melindre do sexo , nem a nobreza do sangue , nem o mimo da criação pudéraõ servir de obstaculo , para que observassem os estatutos de Francisco. Alli veráõ crucificados os annos mais floridos , clauzurados os genios



nios mais inquietos , humildes os coraçoens  
mais altivos , obedientes os animos mais  
indomaveis , attrahidos todos da suavidade  
com que soube accommodar a todos os esta-  
dos , e condiçoens a sua regra ; verificando-  
se tambem d'elle , o que David , e Isaias  
profetizaraõ de Christo , que todas as gen-  
tes o haviaõ de servir , e correr para elle co-  
mo agoa , que naturalmente cahe a buscar o  
seu centro.

Assim hia Francisco desempenhando o  
seu ministerio , e para mais segurar a grande  
obra , a que dava principio , depois de ter  
dividido as suas Ordens , e accommodado a  
cada huma as suas leys , tornou a unî-las ,  
reduzindo-as a hum principio unico , o qual  
quiz que fosse o caracter da sua Religiaõ.  
Este foy a virtude da humildade , que ,  
sem distincção de pessoas , recommendou a  
todos os seus filhos , decretando se cha-  
masse a sua Ordem a Ordem dos Menores.  
Mas aqui me queixara eu da politica de  
Francisco. Pois huma Ordem , em que haõ  
de contar-se trinta Imperadores , mais de  
trinta Imperatrizes , oitenta e tantos Reys,  
cem Rainhas , mais de mil Principes , e  
Princezas , tantas

tan-



tantas Mitras, duzentas e querenta e seis Provincias, mais de nove mil Conventos, em que haõ de viver mais de quatrocentas mil pessoas regulares; esta he que ha de chamar-se a Ordem dos Menores? Porém este he hum dos segredos, que sómente foy revelado a Francisco. Que os humildes na terra haviaõ fer grandes no Ceo, revelou Christo aos outros homens; mas que o caminho para fer tambem grande na terra era o da humildade, sómente se revelou a Francisco.

Nem me digaõ, que estes argumentos aconteceraõ com a successaõ dos tempos, contra o fim que se propôs Francisco, quando fundou a sua Religiaõ; porque além de que elle previo todos, como he opiniaõ bem fundada, os augmentos nenhum perigo correm, quando tem por fundamento a humildade: porque como esta virtude consiste em hum perfeito conhecimento do nosso nada, não póde haver augmento, que tenha virtude para nos desnaturalizar do que somos. Este foy sem duvida o motivo, porque Francisco, depois de estabelecer leys na sua Religiaõ, logo cuidou em abrir nell estudos, lembrando que Santo Anto-



Antonio de Lisboa leſſe Theologia aos ſeus Frades. Não receou, que os applauſos, que havião de conſeguir nas mais celebres Univerſidades da Europa, prejudicaſſem á ſua virtude. Não teve medo, que a ſciencia os fizeſſe inchar, como diſſe S. Paulo fallando da ſabedoria mundana. Conſiderou, que huma Congregaçãõ de homens ſem eſtudos he hum corpo ſem alma, inutil á Igreja, e á Republica. Ponderou, que as letras ſão as que fazem os ſujeitos capazes de qualquer empreza, e por iſſo lhes deo taõ heroico principio. Grande gloria foy eſta para a noſſa Naçãõ ! Ser hum Portuguez o primeiro Meſtre da Religiaõ Serafica, que deo ao mundo tantos homens ſabios ! Com eſte ſó exemplo tapára eu a boca a todos aquelles, que em materia de letras nos querem diſputar a primazia. Porém como o elogio he de Francisco, ſómente ſupplico aos meus ouvintes ponderem o muito que lhe devemos, pelo grande conceito que de nós formava.

A ultima maxima finalmente, com que Francisco eſtabeleceo a ſua Monarchia, foy o exemplo que de ſeus filhos da obſervancia das regras lhes decretára.



cretára. Esta he a pensaõ , que traz consigo a grandeza : este he o pezo , que faz insopportaveis as dignidades. Os vicios , e as virtudes dos homens particulares são tão escuras , e imperceptiveis , como a sua mesma fortuna : só por acaso podem servir de exemplo aos outros. Os Grandes porém parece que nasceraõ para os outros homens. Como a Providencia os collocou em lugar superior , todos invejaõ a sua fortuna , todos dezejaõ imitar as suas acçoens. A sua mesma sublimidade parece que até tem poder para authorizar os máos costumes. Considerava-se Francisco Patriarca de huma Religiaõ , e este mesmo conceito o obrigava a huma vida a mais exemplar , a mais religiosa. Não usava do privilegio de legislador para se dispensar de alguns preceitos : usava sim do caracter de Prelado para os executar todos com a mayor pontualidade. Nunca o izentáraõ das obrigaçoens da regra , e do estado religioso , nem os negocios da Religiaõ , nem os annos , nem os achaques. Mais modesto era o Patriarca que o noviço , era mais humilde o Fundador que o leigo , mais observante era o Pay que todos os filh

Que



Que pasmozas imagens não poderia eu agora formar da pobreza, da obediência, e da castidade de Francisco, se o permittisse o tempo! Baste saber-se, que foy tão pobre, que até o mesmo nada, que possuia, lhe pareceo muito, despindo-se, para morrer, da propria mortalha: tão humilde, e obediente, que depois de fundar a sua Religião se julgou incapaz de governá-la, entregando o governo della aos seus filhos, e obedecendo-lhes, como se os não tivera creado: tão casto, que não receou acabar a vida, ou entirissado nos gelos, ou esvaído em sangue nos espinhos, com tanto que não offendesse a pureza. Mas por isso com o seu exemplo aperfeiçoou a grande obra, para que Deos o chamára, firmou a observancia da sua regra, attrahio a si todos os povos, converteo á penitencia todas as gentes, e tirou do mundo todas as abominaçoens do peccado, como de Ilaías se lê no Ecclesiastico.

Agora sim que já posso romper em assombros á vista de politica tão admiravel. He possivel que hum homem particular sem tratar com Principe, e sem experiencia das Cortes, e com... anda do mundo, fun-



fundasse huma Religião, estabelecesse hum Imperio tão bem governado, tão extenso, e tão glorioso! Os Principes, os Grandes do mundo, ainda com o poder do ouro, ainda com a liberdade dos costumes, ainda com a mesma força das armas experimentáraõ tão grande difficuldade em fundar Monarchias, em conquistar coraçoens humanos: e Francisco com o amargozo da obediencia, com o desprezo das riquezas, com os freyos da virtude, com os abatimentos da humildade, os sujeita, os atrahê, os conquista! Prodigioza politica! Mas esta he a diversidade, que vay de hum coração humilde, e cheyo de virtudes, a hum coração soberbo, e cheyo de vaidade. Esta he a differença, que ha entre hum Heróe, que se governa pelos dictames evangelicos, e aquelles Soberanos, que se governáraõ pela falsa politica do mundo.

O que atégora disse he a causa, porque Francisco he venerado por Patriarca de huma Religião a mais estavel, a mais dilatada, e tão gloriosa, que nem a inveja dos seus emulos, nem a inconstancia dos tempos, nem a mudança dos costumes, nem



em o poder dos mesmos infernos a poderão jamais fazer descahir da sua estabilidade, da sua grandeza, da sua gloria. Por isso se vê, e ha de ver sempre respeitada do mundo todo; porque se governa por humas leys, que só tem por fim a gloria de Deos, e o bem do proximo. Por isso cada vez mais vê augmentado o numero de seus filhos, porque a pobreza evangelica, e o desprezo de todas as riquezas são os seus thezouros. Por isso se vão dilatando de dia em dia os limites do seu Imperio, porque a humildade, e o bom exemplo he o systema das suas conquistas.

Isto he o que vem os olhos em minha Religião Serafica, e o mesmo, sem conhecerem muitos o principio, acontece na Monarchia Lusitana. Sabeis, ó politicos do mundo, a razão porque o Reyno de Portugal, principiando com tão pequenas forças, em tão breve tempo arvorou victoriosas as suas bandeiras em todas as quatro partes do mundo, sujeitando ao seu imperio gentes, que parecião de outra especie, chegando com as suas armas aonde se julgava impossivel chegar os homens, e conferindo esta gloria sempre



a mesma ? Pois he porque os Monarch. Portuguezes aprenderaõ a ser Principes pelos livros, que a vossa soberba julga inúteis para o governo do mundo. Nunca estudáraõ as maximas gentílicas, sempre executáraõ os dictames evangelicos. Nunca lêraõ os annaes profanos para imitarem os exemplos daquelles, a quem chama Heróes a vossa ignorancia. Similhantes memorias sómente lhes serviraõ para conhecerem, e fugirem os vossos enganõs. Das Escrituras sagradas, dos livros santos he que extrahirãõ as regras da sua politica. Não conquistáraõ paizes remotos sómente para lhes tirar o ouro das minas, e dos rios as perolas. O seu fim principal era promulgar o Evangelho de Christo ao gentilismo : por isso nas armadas, que expediaõ, mais eraõ os Missionarios que os soldados, eraõ mais os catecismos que as muniçoens de guerra. Não mandáraõ debuxar em seus estandartes nem Aguias altivas, nem Leons soberbos por insignias da sua Coroa. A Cruz humilde de Christo, as suas Chagas foraõ sempre o timbre do seu poder, o brazaõ da sua gloria. E por muitas vezes do estrondo das armas, da força da Ma-

Ma-



Magestade ; mas foy sómente para castigar aos impios , para fazer tremar os rebeldes. A brandura porém , a paz , o bom exemplo , a humanidade forão sempre a maxima , com que fouberaõ attrahir os povos , e conquistar os coraçoens humanos.

Feliz Imperio , que se governa pelas leys da verdade ! Felices povos , que são governados pela verdadeira politica ! Porém feliz , e muitas vezes feliz o Rey , que segue o exemplo de seus Augustos Progenitores ! Senhor , de toda esta gloria a melhor parte he de *V. Magestade* , porque ninguem melhor que *V. Magestade* foubefer Monarcha. Esse temor de Deos , com que nos governa , conforme a justiça , e a sua santa Ley , he que lhe dá hum novo Imperio. Esse exemplo da virtude , com que nos assombra , he que faz respeitaveis os seus decretos. Este governo pacifico , de que gozamos os seus vassallos , he que o constitue o mayor Principe. Esse desprezo do fasto , e tumulto da Corte , que he systema de grandes politicos , he que o dá a conhecer verdadeiramente por Soberano. Esse mesmo ~~esquecimento~~ esquecimento da Magestade , com que desce hoje do Throno

15 II

no



no para honrar, e fazer companhia aos humildes, he que mostra a sua mayor grandeza. Essa politica, Senhor, com que *V. Magestade* imita a Christo, e a Francisco, he que lhe segura na terra a Coroa temporal, e no Ceo a eterna.

F I M.

